



Brasil e Cabo Verde: duas margens do mesmo mar

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Università degli Studi di Perugia



Resumo: Fala-se, neste artigo, das relações entre Cabo Verde e Brasil, relações antigas, que derivam não só do fato dos dois países terem feito parte do antigo império colonial português, mas das muitas afinidades geográficas, culturais, linguísticas e literárias que aproximam estas duas nações irmãs.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura de Cabo verde; Relações entre Cabo Verde e Brasil; Relações entre literaturas de língua portuguesa; O Modernismo brasileiro

Abstract: This article speaks about the relationship between Cap Verde and Brazil, an old relationship which derive not only from the fact that the two countries have been part of the Portuguese colonial empire, but also of many geographical, cultural, linguistic and literary affinities that approaches these two sister nations.

Keywords: Brazilian literature; Cap Verde literature; Cap Verde and Brazil relationships; relations between literatures in Portuguese; Brazilian Modernism

*Ilhas perdidas
no meio do mar,
esquecidas
num canto do Mundo
em que as ondas embalam,
maltratam,
abraçam...*

(JORGE BARBOSA)

Ainda que aparentemente distantes e diversos, na realidade, entre o Brasil e Cabo Verde houve sempre uma relação muito estreita, uma relação antiga, iniciada com a expansão ibérica e com as grandes viagens através dos mares, que viam as ilhas de Cabo Verde como uma importante base para as caravelas portuguesas, que partiam para a Índia ou para o Brasil. E seria necessário reconstruir, com investigações e estudos aprofundados, as linhas mestras dessa relação que, também nos séculos seguintes, nunca se interrompeu, assim como não se interrompeu o diálogo do Brasil com Angola e com Moçambique, antes e depois da independência brasileira em 1822.

Hoje, as relações estão cada vez mais estreitas, não só sob o perfil literário e cultural, mas também comercial e político. São tantos os programas de intercâmbio entre os dois países, sobretudo na área da formação universitária; Cabo Verde é, dos países africanos de língua portuguesa, o beneficiário dos maiores incentivos da parte do governo

brasileiro e é de salientar que o próprio governo caboverdiano favorece a formação dos seus quadros dirigentes no Brasil. Do ponto de vista turístico, por outro lado, a partir de 2001, há vôos regulares entre Fortaleza e a Ilha do Sal, o que consolida uma ligação muito forte entre as duas realidades com tantas afinidades geográficas e ambientais.

Queria, no entanto, aqui, deter-me brevemente sobre a afinidade entre os intelectuais e os escritores das duas margens do Atlântico. Tendo obtido no início do século XIX a sua independência, o Brasil era visto pelos países africanos, que ainda estavam sob o domínio de Portugal, como um irmão mais velho que se tinha oposto e que se tinha revoltado contra o jugo colonial e que agora procurava construir um percurso como nação livre e independente, com uma identidade própria, uma cultura e uma literatura que já nada tinham a ver com as portuguesas.

A consciência de ter uma múltipla identidade, multiétnica e multicultural, cresceu pouco a pouco na cultura Brasileira e podemos dizer que explodiu nos primeiros decênios do século XX, precisamente com o Modernismo, oficialmente inaugurado em São Paulo em 1922. Este movimento, com as suas propostas radicais, com as suas várias correntes, tais como a Antropofagia de Oswald de Andrade, assinalou uma ruptura clara com o passado e com o comportamento de sujeição que muitos intelectuais e artistas brasileiros ainda tinham em relação às poéticas e modelos europeus, sobretudo franceses. A mudança, inicialmente limitada ao âmbito literário, alarga-se e contagia todos os sectores da sociedade. O Modernismo marca um momento de tomada de consciência extraordinária, de releitura da história, de recuperação da memória e das identidades marginalizadas como a dos índios e dos afro-brasileiros. Foram publicados livros fundamentais, ensaios de história, sociologia, antropologia, e os escritores continuaram impiedosamente a demolir as imagens falsas que o país tinha de si próprio, imagens impostas de fora e assimiladas acriticamente pelos próprios brasileiros. A generosidade, a energia e a genialidade de muitas destas figuras ainda hoje marcam o percurso das várias literaturas de língua portuguesa.

Em Portugal, ao contrário, tudo era terrivelmente imóvel sob o rígido controlo de Salazar; os jornalistas, os escritores e os intelectuais eram censurados, a circulação de ideias era severamente vigiada pelo Estado. É inevitável, portanto, que neste particular momento seja o Brasil a atrair a atenção dos leitores e dos escritores africanos de língua portuguesa. Como afirmam muitos estudiosos, o próprio Neo-realismo português adota muitos aspectos do romance regionalista brasileiro dos anos 30, do modo como os escritores do Nordeste Brasileiro punham a nu uma realidade arcaica de exploração dos trabalhadores da terra, do modo como denunciavam o poder e a prepotência dos latifundiários e o comportamento do próprio governo, que sustentava e apoiava tal sistema. Os livros brasileiros circularam clandestinamente pelas terras do império português e chegaram também em África, apesar da censura.

Manuel Ferreira afirma que, se é verdade que a revista *Claridade*, publicada em 1936,¹ separa as águas quanto à literatura cabo-verdiana, é também verdade que os protagonistas desta mudança, ou seja, os jovens escritores Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes afirmaram várias vezes que, a tal transformação radical, contribuiu a leitura dos escritores brasileiros modernistas, como os poetas Manuel Bandeira e Jorge de Lima, e os prosadores José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Com problemas económicos, sociais e ambientais semelhantes aos do Nordeste Brasileiro, vivendo também eles, os cabo-verdianos, muitas vezes a

dor de ter que deixar a própria terra em busca de fortuna em outros países e continentes, é natural que estivessem interessados pela experiência dos escritores deste grande país sul-americano.

De entre estes escritores, Graciliano Ramos representa talvez o ponto mais alto do período de ouro da prosa brasileira. Entre outras coisas, este autor foi preso em 1936 como subversivo, passou por várias prisões e suportou muitas humilhações. Graciliano Ramos narra o drama do homem do Nordeste na luta contra o ambiente hostil, contra a seca que força a partir e a deixar os seus poucos bens, contra a pobreza, contra o poder político e social que o esmaga.

Todavia, não são apenas os temas desta literatura a atrair a atenção dos autores cabo-verdianos. Tanto Graciliano Ramos quanto os outros modernistas usam um português muito diferente do falado na ex-metrópole, uma língua híbrida, que incorporou contribuições das outras culturas que conviviam no Brasil do início da colonização. É um português mestiço e mulato que agrada imenso aos escritores africanos, que permite exprimir novos sentimentos, matizes sutis, sentir o mundo de um modo diverso do dos lusitanos. Pelos seus laços com a África, a cultura brasileira era seguramente sentida muito mais próxima que a portuguesa.

Manuel Ferreira assegura, a propósito da influência exercida por Manuel Bandeira sobre os poetas cabo-verdianos, que muitos eram os elementos do universo real e mítico de Manuel Bandeira que pareciam presentes até na pequena cidade do Mindelo, ou que se identificavam com o universo crioulo das Ilhas de Cabo Verde.² As figuras descritas pelo poeta brasileiro na sua “Evocação do Recife”, esta espécie de itinerário na cidade da sua infância, assim como a paisagem, a casa de família, as comidas e os frutos, os jogos das crianças, o ritmo lento das ruas, a ternura das vozes evocadas pelo poeta são sentidos como qualquer coisa que pertencia também ao universo das ilhas:

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças

[da casa de Dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

¹ *Claridade* foi uma revista extraordinariamente moderna para o seu tempo, antecipadora de tendências e movimentos que só muito mais tarde se revelarão em outras literaturas africanas de língua portuguesa. Recordemos que os primeiros três números de *Claridade* saíram de 1936 a 1937, e os outros seis entre 1947 e 1960. Se pensarmos na situação bastante periférica do arquipélago naquele período e na censura vigente nas ilhas, como nas outras colónias portuguesas e também em Portugal, resulta ainda mais extraordinário o alcance e a lucidez dos seus fundadores.

² FERREIRA, Manuel. O texto Brasileiro na literatura caboverdiana. In: *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 81-104 (86-87).

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com
 [cadeiras, mexericos, namoros, risadas
 A gente brincava no meio da rua
 Os meninos gritavam:
 Coelho sai!
 Não sai!
 [...]
 Rua da União onde todas as tardes passava a preta das
 [bananas com xale vistoso de pano da Costa
 E o vendedor de roletes de cana
 O de amendoim
 que se chamava midubim e não era torrado
 [era cozido
 Me lembro de todos os pregões:
 Ovos frescos e baratos
 Dez ovos por uma pataca³

E ao lado da evocação deste Brasil diverso, com as suas lendas e mitos, Manuel Bandeira recupera a relação vital com a língua falada, a linguagem que se formara, segundo Oswald de Andrade, “sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros, Como falamos. Como somos”.⁴ Sobre tal tema dirá Manuel Bandeira:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros,
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo,
 Língua certa do povo,
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil,
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe “lusíada”⁵

Ao recuperar uma visão do mundo ligada a uma realidade que finalmente encontra espaço na literatura, o poeta recupera também a fala, a língua desta humanidade vária que se mestiçava e que lutava tenazmente para viver. Manuel Bandeira, tal como outros escritores da sua geração, através da poesia e da literatura procura uma reconciliação entre dois “Brais” que não comunicam, uma composição linguística que, na realidade, evidencia a necessidade de uma recomposição social entre os intelectuais e o país e entre as várias classes, os vários segmentos em que se dividia a população. A literatura deveria dar conta da complexidade de um país levado a discriminar, como acontecera no passado, inteiras e enormes faixas de populações.

Autores como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Ribeiro Couto, afirma ainda Manuel Ferreira, representam “o compêndio, o modelo, isto é a fórmula sagrada”⁶ que se poderia aplicar à realidade cabo-verdiana. Faltava, de fato, aos escritores cabo-verdianos a “forma” adequada, isto é o tom, a cadência, a cor, as harmonias quotidianas de uma língua capaz de exprimir um conteúdo humano, cultural e existencial que se adaptava mal ao português seco e rigoroso do colonizador europeu, então identificado com o idioma oficial do poder.

É comovente o diálogo à distância entre os poetas ilhéus com Manuel Bandeira e ainda com outros poetas brasileiros, alguns dos quais talvez nunca tenham imaginado ou sabido ter suscitado respostas tão belas e intensas nesses leitores especiais, tais como Baltazar Lopes, Jorge Barbosa, Ovídio Martins e tantos outros.

Na revista *Claridade* – cujo primeiro número fui publicado em Mindelo, Ilha de São Vicente, em Março de 1936 e que antecipa até, em relação a Portugal, a procura de uma literatura empenhada que focalizasse e refletisse sobre os problemas sociais do país – encontramos textos e intervenções importantes para a compreensão de como nasce e se desenvolve essa relação, próxima e distante ao mesmo, entre a poética de Manuel Bandeira e a produção dos cabo-verdianos. É de Jorge Barbosa a poesia “Carta a Manuel Bandeira”, na qual Barbosa define o poeta brasileiro como o seu “irmão atlântico”, incorporando no seu texto o mesmo lirismo intimista e confidencial do outro, assim como a comoção, a ternura e a humildade com que Bandeira falava do mundo das periferias do Rio de Janeiro, onde habitava e onde convivia, como afirma, com “a pobreza mais dura e mais corajosa”.⁷ Barbosa imagina um encontro entre os dois autores, em que se detecta uma vizinhança comovida de almas que se compreendem pelas profundas afinidades que os unem:

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
 Tu me preocupas, Manuel Bandeira,
 Meu irmão atlântico.

Eu faria por ti qualquer coisa impossível.

[...]

Bateria de manso

à porta dos teus apartamentos de poeta solitário
 ali na Avenida Beira-Mar do Rio de Janeiro.

[...]

E virias abrir-me a porta.

Então

sem qualquer palavra
 eu te passaria a Estrela da Manhã.

Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
 no outro lado do Atlântico.

E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos
 sem orgulho
 que eu descobriria naquele instante
 através da porta entre-aberta.⁸

³ BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 212-213.

⁴ ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: *Autopia antropofágica*. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

⁵ BANDEIRA, Manuel. *Op. cit.*, p. 213.

⁶ *Ivi*, p. 87.

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*, Rio de Janeiro/Brasília, Nova Fronteira e I.N.L., 1984, p. 65.

⁸ BARBOSA, Jorge. “Carta para Manuel Bandeira”. In: *Claridade – revista de arte e letras*, número de Janeiro 1947, p. 25, edição fac-símile da revista *Claridade* para celebrar os cinquenta anos da publicação do primeiro número, organização de Manuel Ferreira, Linda-A-Velha, Editor A.L.A.C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986, 2. ed.

Sempre de Jorge Barbosa são os versos seguintes, onde, partindo da leitura apaixonada e atenta da poesia de Manuel Bandeira, estende a todo o Brasil o seu sentimento de fraternidade e de vizinhança entre os dois povos. Sem nunca ter estado neste país sul-americano, Jorge Barbosa sente que o conhece, pelo menos idealmente:

Eu gosto de você, Brasil
 Porque você é parecido com a minha terra.
 Eu sei bem que você é um mundão
 E que a minha terra são
 Dez ilhas perdidas no mapa.
 [...]
 É o seu povo que se parece com o meu,
 é o seu falar português
 que se parece com o nosso,
 ambos cheios de um sotaque vagaroso,
 de sílabas pisadas na ponta da língua de
 alongamentos nos lábios
 de expressões terníssimas e desconcertantes.
 É a alma da nossa gente que reflecte
 a alma da sua gente simples,
 ambas cristãs e supersticiosas,
 sentindo ainda saudades antigas
 dos sertões africanos, (...)”⁹

Esse laço estreito está testemunhado não só nos fundadores de *Claridade*, mas também em muitos estudiosos, como o escritor português José Osório de

Oliveira que, em 1927, esteve vários meses na Ilha de São Vicente e que conservou, sempre, o seu interesse e o seu vínculo sentimental com Cabo Verde. Num artigo publicado em tal revista, na edição de Março de 1936, afirma:

Os caboverdeanos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdeanos para compreender, sentir e amar a nova literatura Brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso, pelos novos ensaístas Brasileiros, os caboverdeanos descobriram o seu caminho.¹⁰

Poderíamos continuar a falar muito mais sobre este diálogo entre irmãos, mas creio que o exposto possa bastar para poder afirmar que os laços entre estes dois países são fortes e antigos. Também o Brasil recebeu muito de Cabo Verde, pois não podemos esquecer a contribuição de tantos homens arrancados à força das ilhas e levados a viver e a morrer nas plantações ou nas minas do Brasil colonial e republicano. O sinal desta presença permaneceu na história, na vida social e cultural, na pele e no sangue de tantos brasileiros.

Recebido: 15 março de 2010
 Aprovado: 30 abril de 2010

⁹ BARBOSA, Jorge. *Caderno de um Ilhéu*, 1956, cit. in: Manuel Ferreira, “O texto Brasileiro na literatura caboverdiana”, in: *Literaturas África nas de Língua Portuguesa*, op. cit., p. 92.

¹⁰ OLIVEIRA, José Osório de. “Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil”. In: *Claridade – revista de arte e letras*, edição fac-símile da revista *Claridade...*, op. cit., número de março 1936, p. 4.